



PARISIENSES: Mademoiselle Jocelyne

(Cliché: Reullinger).

Ilustração

2.^a série—N. 474

Lisboa, 22 de Março de 1915

Redacção, administração, oficinas de composição e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Dir. gen. J. J. DA SILVA GRAÇA

Proprietário de J. J. DA SILVA GRAÇA, Lda.

Editor: JOSÉ JOUBERT CRAVES

ASSILATERA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

| | |
|----------------|-----------|
| Trimestre..... | 1520 civ. |
| Semestre..... | 2540 * |
| Ano..... | 4880 * |

Portugueza

Numero avulso, 10 centavos

Agência da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, 1.^o ue des : Capucines, 8



CARTUCHOS

Para Espingardas,
"Nitro Club" Forra-
dos Com Aço, Pol-
vora Sem Fumaça

A' VENDA
Almanaque d'O SEculo
(ILUSTRADO)
A' VENDA



Cartuchos carregados com polvora sem fumaça para espingardas, a preço módico para serviço rapido. A sua infalibilidade tem-os feito os favoritos dos atiradores mais notáveis do mundo. Veja que a bolla vermelha Remington-UMC e as palavras Nitro-Club apparecem em todas as caixas que comprem.

Acham-se á venda nas principaes casas d este genero.

REMINGTON ARMS-UNION METALLIC CARTRIDGE COMPANY
289 Broadway, Nova York, N. Y.
E. U. da A. do N.

Representantes:
No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A., Manaus

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

PARA ENCADERNAR A

"Ilustração Portuguesa"

Já estão á venda as capas em percu-
lino de fantasia para encadernar o **SEGUNDO SE-
MESTRE** de 1914, da *Ilustração Portuguesa*.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os se-
mestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto
a quem as requisitar. A importancia pôde ser reme-
tida em vale do correlo ou ordens postaes.
Cada capa vaé acompanhada do indice e frontisp.
cipo respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»
Rua do Seculo, 43—LISBOA

Vizella
O MELHOR SABONETE

**Perfumaria
Balsemão**
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

SELLOS DE CORREIO
CATALOGO GRATIS E FRANCO
Remettam-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Academia Cientifica de Beleza

AVENIDA DA LIBERDADE, 23 — LISBOA
Telefone 3:641



Diretora: Madame Campos, laureada da Faculdade de Farmacia da Universidade de Coimbra. Diplomada COM FREQUENCIA pela Escola Ortopedica de Macagem de Paris. Ex-interna do hotel Dieu, de Paris. Ex-professora (premiada em diferentes cadellas) e socia correspondente de diferentes Sociedades Cientificas; etc.

Tratamento pelos diferentes processos de magnetoterapia, eletrototerapia e mecanoterapia **MACAGEM MEDICA E ESTETICA. CURA DA OBESIDADE:** redução parcial da gordura.

Tratamento das rugas pela electricidade. Tratamento da pele, manchas, pontos negros, sinais de boxigas, sardas etc. Desenvolvimento e enrijamentos dos seios. Processo absolutamente novo. Resultados surpreendentes com tres tratamentos e informaçoes de senhoras que já fizeram esse tratamento. Para as ex-^{mas} clientes da provincia tratamento especial por correspondencia.

Metodo de evitar que os cabelos embranqueçam.
Tintura dos cabelos em todas as cores, com a duracao de 2 anos.
Lavagem dos cabelos com secao electrica a 50 centavos.
Aparelhos, perfumes e produtos de beleza das melhores casas de Paris. Resposta mediante estampilha.

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardingagem, creação de animaes, etc

PREÇO, 20 réis CADA NUMERO

Resposta a consultas; prestação de serviços tecnicos; analyses e informaçoes

Por assinatura. Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO

A primavera:

Principia hoje a primavera. O velho Pan sorri. Abrem as primeiras flores. Tremem ao sol as primeiras azas douradas. Sileno passa, risonho, enorme, sobre o seu burro tranquilo. Será certo que a primavera chegou? Bosques d'écloga, azulados de nevoeiro, humanisam-se, palpitam, estremeceem, — húmidos, fecundos, luminosos. Passa no ar, como um perfume, uma vaga crispação de aragem. Fáunos mo-



ços, ligeiros, hirsutos, caprinos, saltam na relva como pélas felpudas. Corpos brancos de deusa espreitam n'uma névoa d'ouro. A natureza int ira desperta do seu longo sono hibernal. Tudo renasce, tudo resplandece, tudo canta. — Volto-me, de repente. Ao pé de mim, minha amiga, os teus lábios abrem-se como duas rosas frescas. Não há dúvida: chegou a primavera.

A crise do pão:

Lisboa tem estado sob a ameaça da fome. Durante uma semana só houve carne para os hospitaes. Ha vinte dias, o próprio pão subiu de preço. Ressentiu-se, evidentemente, a economia de todos os lares, — mas, sobre todos, a economia dos lares humildes. Encontraram-se, frente a frente, duas situações irredutíveis:



a do pequeno comerciante, que não tinha géneros para vender ou que não podia vendel-os pelo preço habitual, e a do pequeno consumidor, que exigia esses géneros para o seu consumo e que não podia pagal-os mais

caros. Foi, por conseguinte, entre as camadas infimas, entre o pequeno negociante, ordinariamente pobre, e o pequeno consumidor, geralmente pobríssimo, que teve de debater-se o problema, — algumas vezes a tiro. No seu critério simplista, cada uma das partes attribuiu á outra a responsabilidade d'uma situação que nenhuma d'elas creou, — e de que ambas foram vi.imas.

De viva voz, a miss X:

Deixe-me beijar as suas mãos. Conversemos um pouco, como bons amigos. Miss X acusa-me de ter metido a ridículo as modas femininas modernas, — com o deliberado propósito de lhe ser desagradavel a si. Mas, minha querida amiga, está absolutamente provado que o ridículo não atinge senão as mulheres feias. Ainda ha-de inventar-se a primeira moda que fique mal a uma mulher bonita. Nem os sinais de tafetá, nem a saia de ba-

lão, nem o capote e lenço. A beleza transfigura, ilumina, justifica tudo. E' a beleza que está sempre na lógica. E' a beleza sempre que tem razão. Eu não devia meter a ridículo o espartilho, diz você, — porque tambem os homens o usam. Devéras, Miss X? Não me atrevo a contestar uma afir-



mação que Miss X faz com tão convicta certeza. Eu sabia apenas que o príncipe de Kaunitz, o «dandy», usava um espartilho de setim. Sabia que Brummell e Garrett se espartilhavam; que Musset se permitia a ilusão de ter a cintura de Vénus. Sabia ainda que em Paris, junto á Porte de Saint Martin, existe um estabelecimento de «corsets pour hommes». O resto, Miss X, vim a sabel-o por si. Mais uma vez se prova, minha querida amiga, que tudo o que ha de mau no homem é precisamente o que ele imitou da mulher.

Museu instrumental:

Pensa-se em crear, no novo palácio do Conservatório, um grande museu. N'esse museu haverá uma secção de música e uma secção de teatro. Da secção instrumental farão parte, segundo todas as probabilidades, tres coleções: a coleção Keil, que, por diligências do illustre diretor da Escola de Música, o Governo deseja adquirir; a coleção de arqueologia instrumental pertencente ao Estado, proveniente sobre tudo de casas congreganistas extintas e provisoriamente instalada no palácio das Necessidades, e a coleção organográfica reunida pelo sr. Michel-Angelo Lambertini, que o notavel musicólogo pensa oferecer, em determinadas condições, ao Conservatório de Lisboa. D'esta última coleção, onde ha peças valiosas e interessantes, como uma espineta italiana do seculo XVI; uma virginal do seculo XVIII montada sobre suporte de sátiros alados; uma admiravel harpa de Cousineau; teorbis e cistros seiscentistas; clavicórdios de 1730, encontrados no convento de Santa Tereza, em Coimbra; sanfonas francezas de pastoral de Boucher ou de Watteau; baixões monásticos; saltérios italianos de cem cordas; cravos de penas, e outras joias de arqueologia instrumental, — acaba



o sr. Michel-Angelo Lambertini de organizar e publicar um belo catalogo-sur-ário, que honra a sua competência e afirma a sua inquebrantavel força emprehendedora.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



Oração da Noite

«— Soror Maria!— disse, tentando em vão erguer-se, aquele soldado que, com uma bala no peito, chegára ao hospital n'essa manhã— Soror Maria! Peço-lhe que me não engane, peço-lh'o pelo amor de Deus: que disse o doutor? E' grave o que eu tenho, não é? Eu bem sinto que deve ser grave: soffro muito, custa-me a respirar, tenho dôres. Mas posso salvar-me, não é verdade? D'uma bala no peito nem sempre se morre... Aquele pobre rapaz que levaram d'ali morto esta tarde estava, ao que parece, muito mais ferido do que eu... Diga-me: não morrerei, não? Não é possível que eu morra. Deus seria cruel.

«Perdôe-me, minha irmã, se blasfemo. Mas, sabe? Toda a minha ansiedade vem de que tenho uma filha, uma pequenita de quatro anos... A mãe morreu quando a deitou ao mundo. Nós ficámos sós. E eu comecei a viver para ela, a não vêr senão ela no mundo. Trabalhava o dia inteiro á beira do seu berço. Ela é tão boasinha, tão engraçada, tão meiga! Pequenina como era, já fazia uma boa camaradagem. Conversavamos ao serão os dois, até que ela adormecia nos meus braços...

«Quando rebentou esta terrível guerra, julguei enoidecer de desespero. Passou-me mesmo pela cabeça a idéa de fugir. Não por medo, não! Mas com a lembrança de que podia morrer e deixá-la a ela só no mundo. Mas fugir era um crime; e, mais tarde, a minha filhinha teria um nome coberto de vergonha. Não, não! Deus havia de ter piedade de mim. Partí...

«Quando uns visinhos m'a levaram, eu fiquei como aturdido, tateando-me como se me sentisse ausente do meu proprio corpo. Foi como se me tivessem arrancado um pedaço de mim. E, fui indo até á es-

tação, aos empurrões de todo o mundo, sem vêr, sem ouvir, cambaleando como um ebrião.

«—Aquele bebeu para ter coragem— diziam alguns quando eu passava.

«—Vaes bonito!—berrou-me um garotinho.

«E, depois, no comboio, como eu me tivesse atirado para um canto, enquanto os outros gritavam «A Berlim!» e cantavam em côro a «Marselheza», alguns perguntavam:

«—Tu as dejà la frousse, mon vieux?»

«Não, eu não tenho medo; não, eu ia para onde me levassem, fazer o que me mandassem, bater-me como os outros... mas não podia cantar.

«Estive três semanas no deposito esperando a minha vez; dias inteiros a lêr as cartas que me falavam d'ela. A outra semana, partí com os mais lá para os lados do Aisne. Diz-se que n'aqueles sitios as trincheiras do inimigo estão cheias de mulheres e de crianças francezas. Os «bochs» levaram-nos para lá e encarregam as mulheres de missões perigosas. Não ha o risco de que não voltem, as desgraçadas. Os miseráveis guardam-lhes os filhos como refens... Uma noite eu estava de sentinela nas avançadas quando vi das trincheiras alemãs sair dois vultos. Ia a apontir a espingarda quando, á luz do luar, que era claro n'essa noite, percebi serem uma mulher e uma creança. A mulher, alguns passos distante, pégou na creança nos braços e começou correndo. Era uma que fugia, sem duvida. Vinha para nós! Mas eis que, do lado do inimigo, sae um soldado, depois outro. Abaixando-se o mais possível, eles avançam para a mulher. O meu dever era atirar-lhes

ou dar o alarme. Mas os outros responderiam; e a mulher e a pobre criança, que devia ter (não sei porque o adivinhava) a idade da minha, entre dois fogos iam morrer por certo.

os braços n'um desespero para o filho que ficára já longe, talvez morto, sobre a terra! . . . Então saí do meu abrigo, rastejando, disposto a fazer tudo para salvar aquelas-pobres vítimas de semelhantes misera-



«Minha irmã, foi horrível! Vi eles alcançarem-n'as. Vi agarrarem na criança, arremessá-la para longe como um fardo e arrastarem depois, pelos vestidos, pelos cabelos, a mãe que se debatia estendendo

veis. Tinha assim feito alguns metros quando uma bala zuniu aos meus ouvidos; depois, outra. A terceira acertou-me e eu fiquei estendido sem dar acordo de mim.

«Por fortuna, a manhã vinha perto.. Os



maqueiros deram comigo. De lá vim para a ambulancia. Sofri muito. Ouí dizer a um medico que a bala me tinha atravessado o pulmão. . Depois mandaram-me para aqui. Que vae ser de mim? Diga-me, minha irmã, o doutor tem esperança, eu

poderei curar-me,- não morrerei, não é verdade? Eu não posso morrer e deixar a minha pequenita sósinha no mundo. Que havia de ser d'ela sem mim? Oh não, não! Não é verdade, minha irmã? eu não morrerei. . .»



Calou-se. Por um momento os seus grandes olhos a que a febre dava um brilho de aço polido, abriram-se n'uma angustia enorme. Depois, pouco a pouco, as palpebras cerraram-se-lhe, e da sua boca a respiração saía quasi imperceptível, como um silvo distante.

No silencio da grande sala de leitos brancos e de paredes nuas, alumiada por lampadas cuja luz amarela e tremula se diria ser já a luz dos cirios, a voz de soror Maria murmurava, enquanto nos dedos das suas palidas mãos iam passando as contis do seu rosario de orações. . .

Paris, fevereiro de 1915.

PAULO OSORIO.

SARAH BERNHARDT



Sarah Bernhardt em Belle Isle en Mer no verão de 1913.—(Cliché Chusseau Flavens).

A grande tragica Sarah Bernhardt, cujo nome goza de um prestígio universal, sofreu em Bordéus a amputação de uma perna para se lhe poder salvar a vida. Foi com grande ansiedade que por toda a par-

te se esperou o resultado da operação. A genial atriz, apenas se encontrou melhor, foi convalescer para Arcachon, onde continuava a receber muitas e calorosas provas de admiração e de simpatia.

FIGURAS E FACTOS

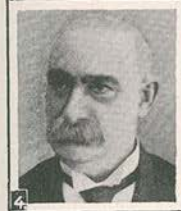


1. O general sr. Oliveira Garcia, que transmitiu unicamente ao sr. presidente do ministerio as homenagens dos officios do exercito e da armada—1. O sr. D. Manuel Vieira de Matos, antigo bispo da Guarda, que no dia 14 do corrente tomou conta da se Primaz de Braga, ascendendo ao alto cargo de arcebispo—7. O vice-almirante sr. Pereira Guimarães, novo ministro das colonias. Substituiu o sr. Teofilo Trindade que passou para a pasta dos estrangeiros, indo o sr. Rodrigues Monteiro para a das finanças, deixada pelo sr. Herculano Galhardo



3. Um padre, bombeiro voluntario, escalando uma janela para abrir a porta da igreja da Graça; visto que os membros da cultural não compareceram para entregar as chaves á Irmandade, a qual foi por decreto restituído o culto. 4. Os fiéis entrando no templo





3. O sr. Tomaz Alberto Alves Saraiva

Faleceu em Lisboa este importante capitalista chefe da conhecida firma Ferreira Junior & Saraiva, em S. Paulo (Brazil), onde deixa profunda saudade. Era diretor de diversas e o m p a n h i a s e e m p r e z a s , ocupando ultima mente o cargo de presidente da Camara Portugueza de Comercio, I n d u s t r i a s e A r t e s d'aque-la capital. Era um espirito preve-ligiado, uma alma aberta a todos os infortunics, um grande coração suavizador dos infelizes.



1. O sr. Eduardo Manuel de Almeida, presidente da Associação Comercial, falecido ha dias em Lisboa—2. O sr. Pedro Verissimo Pereira Neto, proprietario em Tavira, onde faleceu

3. O sr. Tomaz Alberto Alves Saraiva

4. O sr. D. Antonio Maria Miguel Oliveira Paes, falecido em Lisboa. Era sobrinho do marechal Saldanha—5. O sr. Agostinho José Enes Domingues, funcionario publico, falecido em Lisboa

Joaquim Leitão, jornalista e homem de letras que, entre nós, se tem distinguido pelas suas qualidades de observação brilhante, acaba de publicar um novo livro. *Varre Canelhas* se intitula a sua novela, em que, n'um cenario trasmontano pintado a largas e sugestivas pinceladas, se desenvolve uma ação moral e intelectual interessante. Pela louçania da fórma, pelo pitoresco das figuras e pelo traço da intriga, *Varre Canelhas* é um notavel documento do regionalismo na literatura das novas gerações portuguezas.



7. O sr. José Barbosa, autor do livro de versos *Atomos de Alma*

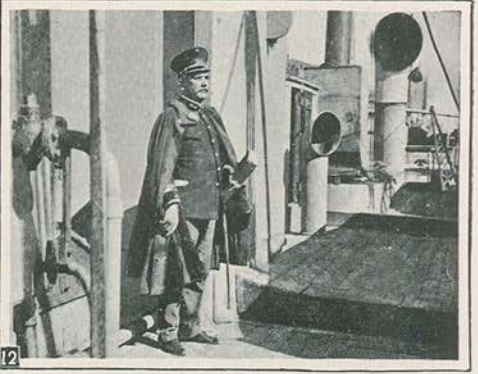
8. Anita Tubon, novel atriz do Avenida, onde debutou no «Ceu Azul»

9. Berte Baron, cancionista franceza, que muito se tem evidenciado na revista «Ceu Azul»

10. O distinto escritor sr. dr. Sousa Costa, autor do livro *Coração de Zuher*, ha pouco salido do prelo



13. O sr. João Saldanha de Oliveira e Sousa, autor do livro de versos *Vibrações*, recentemente publicado



12. O major sr. Afonso Pala a bordo do *Africa*, no qual embarcou para Mossamedes, onde vae incorporar-se nos contingentes que combatem os alemães. (Clithes Benollel).



O meu amor

O berço da filha minha
era o meu braço e o da mãe,
mas nenhum berço contém
mais ternura que ele tinha.

Quando a embalava á noitinha,
o sol se encerrava além,
cerrava os olhos também,
do balanço já tontinha.

Aconchegá-la com geito
de encontro ao lume do peito
era p'ra o berço um segundo:

depois senti-la com vida
era a ventura querida
bem melhor que ter o mundo.

ARAUJO PEREIRA

(Do livro O MEU AMOR, todo con-
sagrado a uma filhinha falecida)



O funeral do deputado Henrique Cardoso, no Porto:—A cidade do Porto prestou uma sentida homenagem ao seu representante no parlamento, sr. dr. Henrique dos Santos

Cardoso, assassinado em Lisboa, no dia 1 de março, quando se dirigia para a sede do Directorio, e sepultado na capital do norte.—(Cliché do distinto fotografo portuense J. L. Carreira).

A procissão de Cinzas em Vila do Conde



Um aspeto da procissão de Cinzas em Vila do Conde



Grupo de pessoas que foram assistir á procissão, entre as quaes duas familias das mais distintas do Porto



Outro aspeto da procissão («C Ichês» do distinto fotografo do Porto sr. João D. Carrelra).

Uma das festas que mais visitantes leva á encantadora praia do norte, Vila do Conde, é a procissão de Cinzas, que ali se faz com o maior esplendor.

Figuram n'ela todas as confrarias da vila, que conduzem os andores com as imagens da sua invocação e de maior devoção entre os fieis, que seguem respeitosos e contritos aqueles andores, entoando canticos religiosos.

A' procissão que este ano se realizou concorreram alguns milhares de pessoas de fóra da vila, dando a esta um aspeto curioso e alegre.

Ó Velho Mundo em guerra

Os alemães continuam a fazer os últimos esforços para realizarem o apregoado bloqueio da Inglaterra, pelo mar e pelo ar. Submarinos, *Taubes* e *Zep-*

tavam batalha, ainda tinham a coragem a atenuar-lhes um pouco a tradição selvagem, mas aqueles fogem miseravelmente para o seio das ondas, escapando ao justo castigo.

pelins, andam desenfreados, numa perseguição doída de quantas embarcações, quer a vela, quer a vapor, demandam ou deixam as costas inglesas.

Algumas vítimas têm feito, forçoso e triste é reconhecer, entre esses inofensivos barcos que se ocupam apenas do comércio indispensável à vida dos que não andam envolvidos nesta pavorosa luta. Não são navios de guerra, não podem usar esse nome dignificante, são navios de piratas, navios que andam em verdadeiro corso, matando, destruindo, roubando. Mais do que piratas, porque estes ainda acei-

Até onde irá esta guerra desleal e feroz feltão aos que combatem, mas a todos os que vivem? *Taubese Zep-pelins*, como anda a descoberto, volta e meia caem estiralgalhados sob o tiro tello dos aliados. D'elles não haverá muito que temer. O mesmo não se pode dizer dos submarinos.

Entretanto, convem registrar que na semana que findou em 3 d'este mez o movimento de entrada e de saída dos portos ingleses regulou por 147 navios, o que ainda é considerável para um país que se diz estar bloqueado!



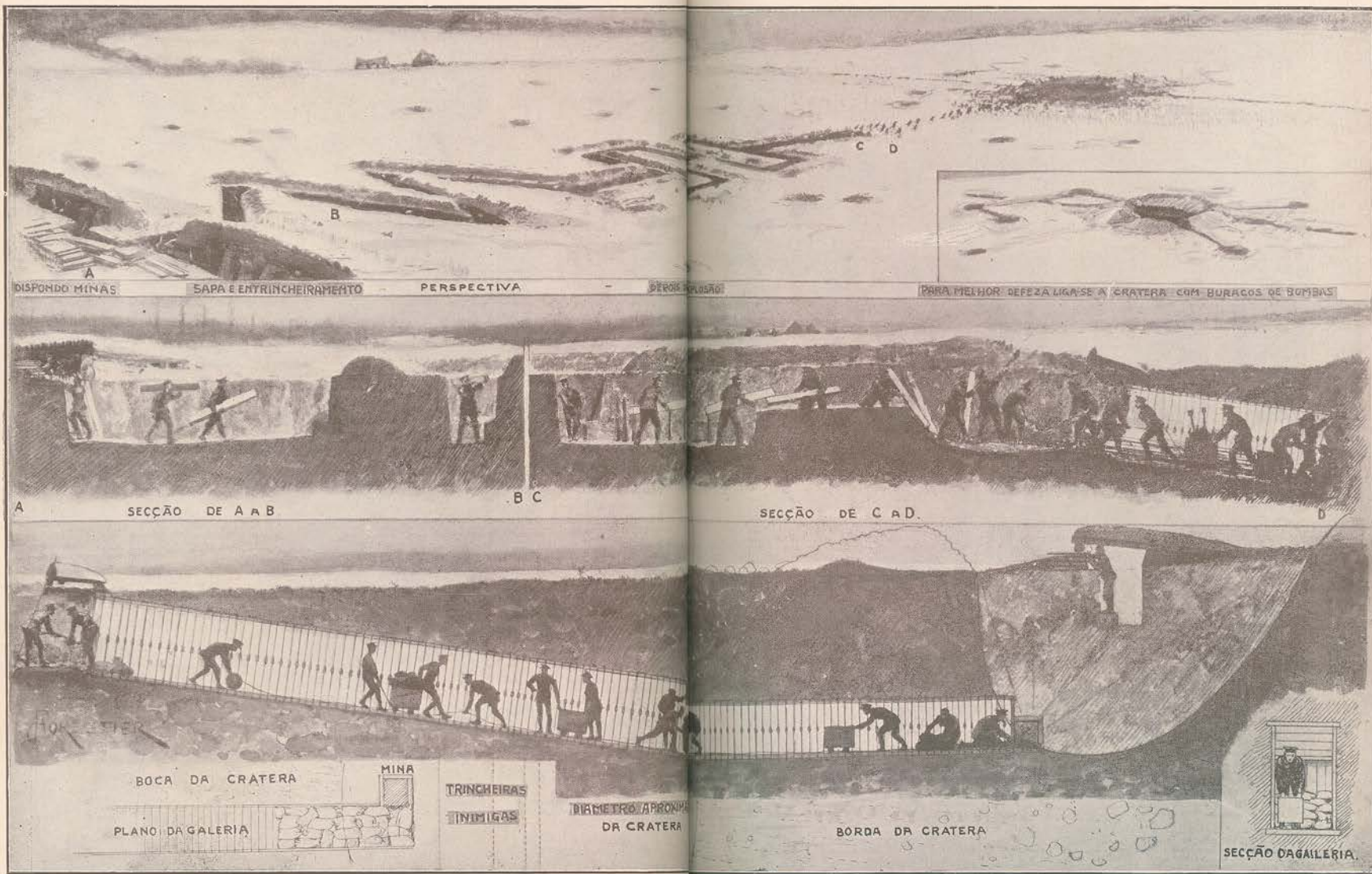
A revista de guarnição a bordo de um cruzador francez.—(Cliché Chusseau-Flaviens).



A debandada do exercito turco no Caucaso

(Da *The Sphere*).

Como se cava e mina debaixo das trincheiras inimigas



Ganha-se um pé de terreno por hora para preparar um avanço de infantaria

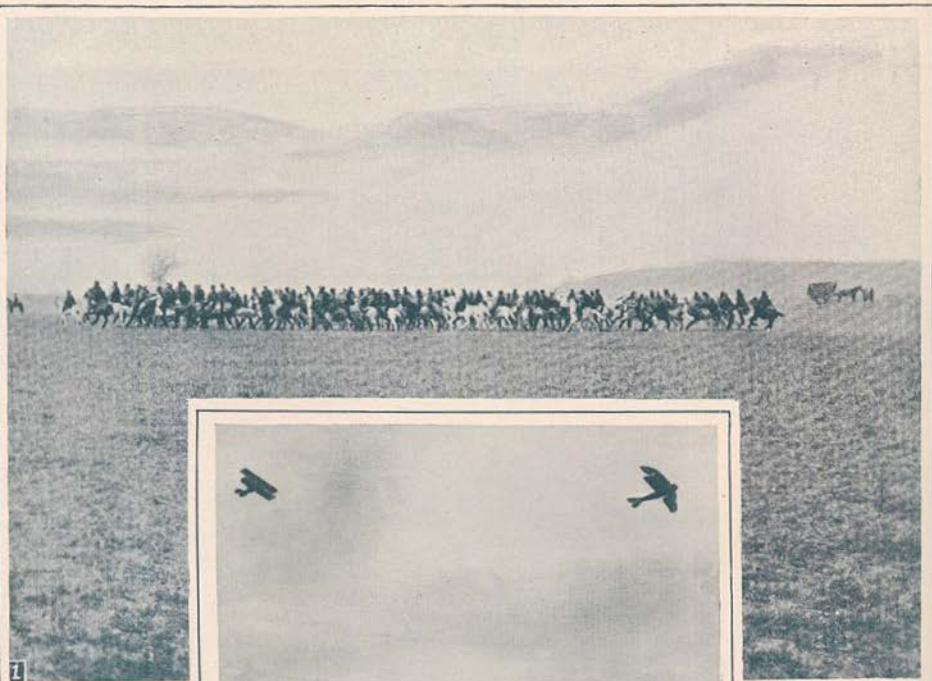
Basta examinar com atenção a curiosa e bem deduzida série de aspectos que apresentam estas paginas para se avaliar por que processos se está avançando por baixo da terra para

destruir o inimigo. O trabalho começa por um sapador e em geral não trabalham mais de que tres para não se estorvarem, pois que a largura da trincheira, em media, é de 4 pés e

polegadas. A terra vai-se deitando para o lado do fogo do inimigo e como a profundidade é de 6 pés, o sapador vê-se muitas vezes obrigado a trabalhar de joelhos para não ser

atingido, voltando a trabalhar á vontade quando o inimigo se põe em movimento.

(Da «The Illustrated London News».)



1



2



3

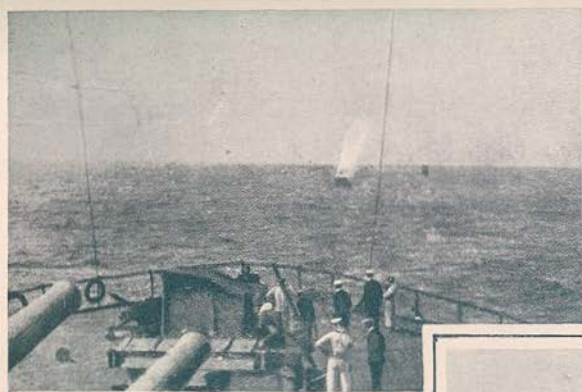
1. Spahis desfilando-a galope ao Norte da França.—2. Em Flandres: Perseguição de um *Taube* por um aeroplano francez.
3. Nos Dardanelos; Couraçados francezes em linha de batalha.—(«Cliché» Branger).

Cada dia se prova que os alemães não levam a melhor no ar como não a levam em terra. Tão depressa um *Taube* ou *Zeppelin* pairam por cima dos paizes aliados,

surge-lhe logo um aeroplano que lhes dá caça, se eles resistem ao tiroteio da terra. Poucos aparelhos lhes deve sobrar d'este destroço constante.

A passagem dos Dardanelos

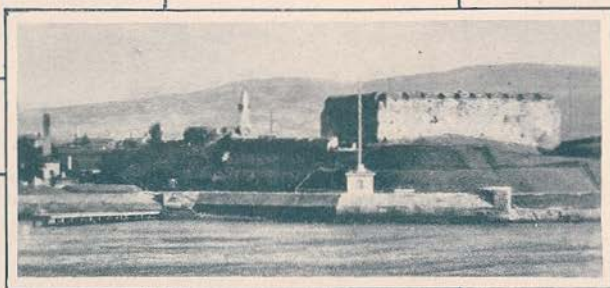
Tem sido uma brilhante ação militar o bombardeamento dos Dardanelos pela esquadra aliada. O famoso Estreito opunha á passagem uma serie de fortes, cujo fogo combinado podia trazer avarias aos navios que n'ele penetras-



Um navio britânico, atingido por uma bomba turca, quando bombardeava os Dardanelos.

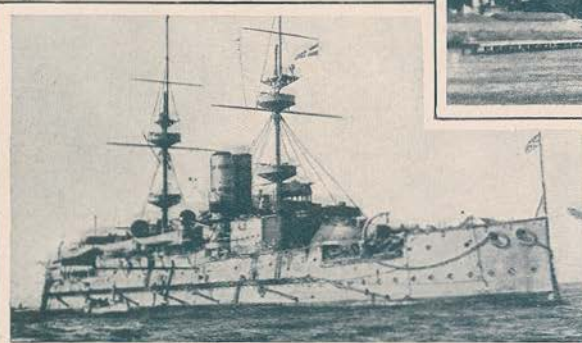


Cruzadores franceses e ingleses fóra da entrada dos Dardanelos em cuja passagem vão cooperar.

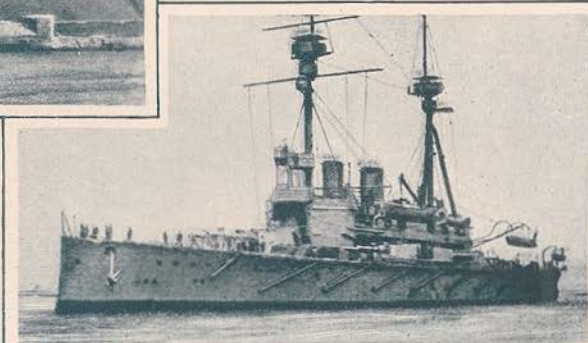


O forte de Chanakna parte mais apertada e difícil do Estreito.

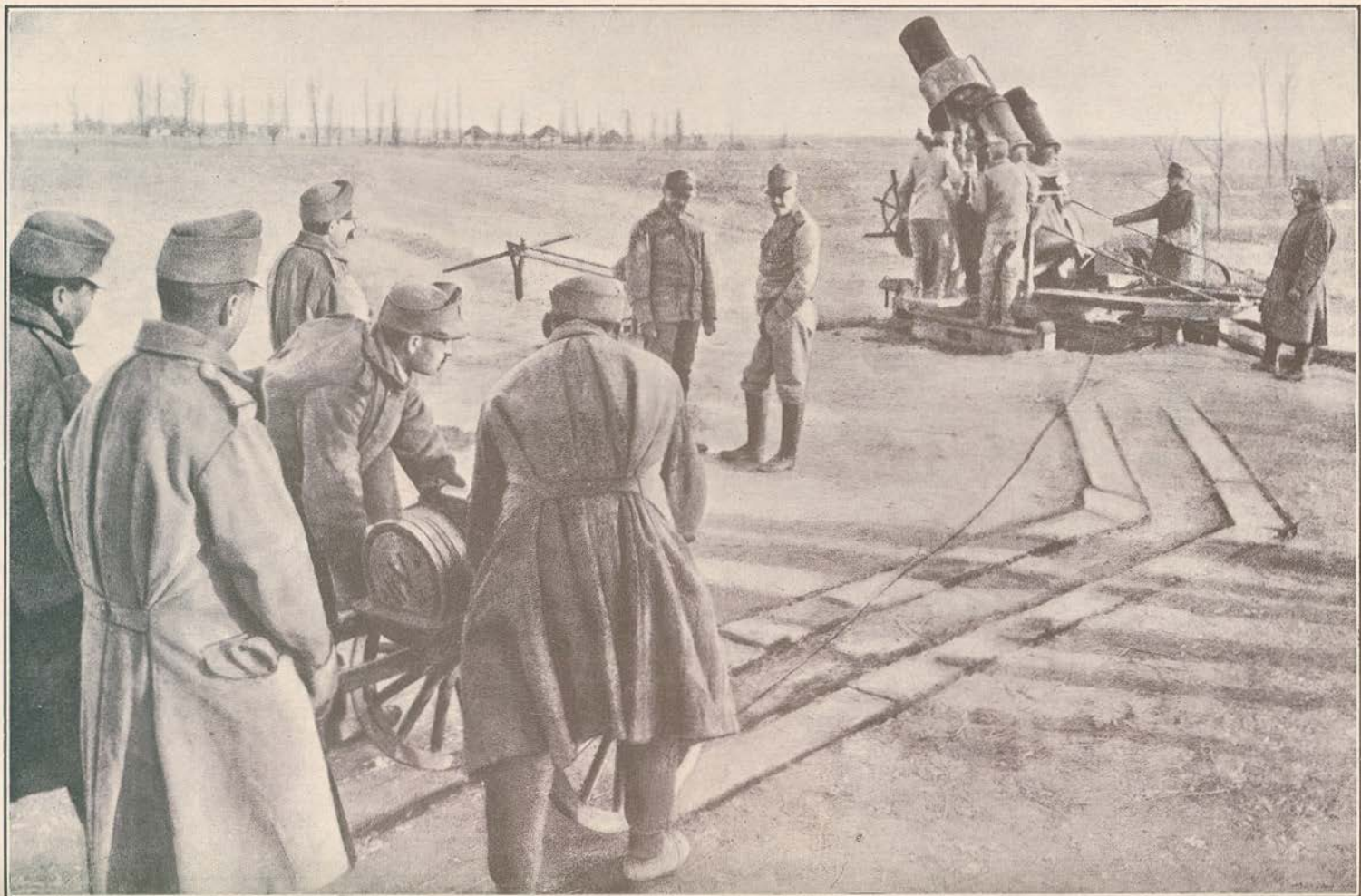
sem. Para se fazer uma ideia da artilharia de que esses fortes eram providos, basta apontar o exemplo do «Agamemnon» ter sido alcançado a 11.000 jardas por uma bomba atirada pelo forte Cape Helles matando-lhe tres homens e ferindo gravemente cinco.



O *Magestic*, um dos navios de guerra ingleses que começou o ataque ao forte dos Dardanelos.



O *Agamemnon* outro poderoso couraçado inglês que também operou na passagem dos Dardanelos.
(Da *Illustrated London News*).





Captura de uma força alemã em Langemarck pelos highlanders do Camarão

Apesar de combaterem em trincheiras inundadas, as tropas inglesas ainda repelem o inimigo



A chuva veio tornar mais difícil a luta. E' preciso combater e ao mesmo tempo despejar á bomba e por outros meios a agua que invade as trincheira e n'elas

se représa. Ha casos em que os ingleses conseguem pela proximidade a que se encontram, passar para as trincheiras alemãs a agua que tiram das suas, em-

baraçando deveras a ação do inimigo. A areia arrastada pelas aguas, metida em sacos, é magnifica para proteger do fogo dos adversarios.—(Da "Illustrated London News").

O FIM DESASTRADO DE UM "ZEPPELIN"



A Alemanha bem depressa perdeu todos os *Zepplins*, que já tinha antes da guerra, e dos que construiu depois que ela re-
bentou muitos já tem ido e outros continuam a ir pelo mes-

mo caminho. O «L. 3», que restava, ia cruzando sobre a costa
dinamarqueza, procedente de Hamburgo, quando os motores
rebutaram, e aquela enorme mole se veio desfazer sobre a

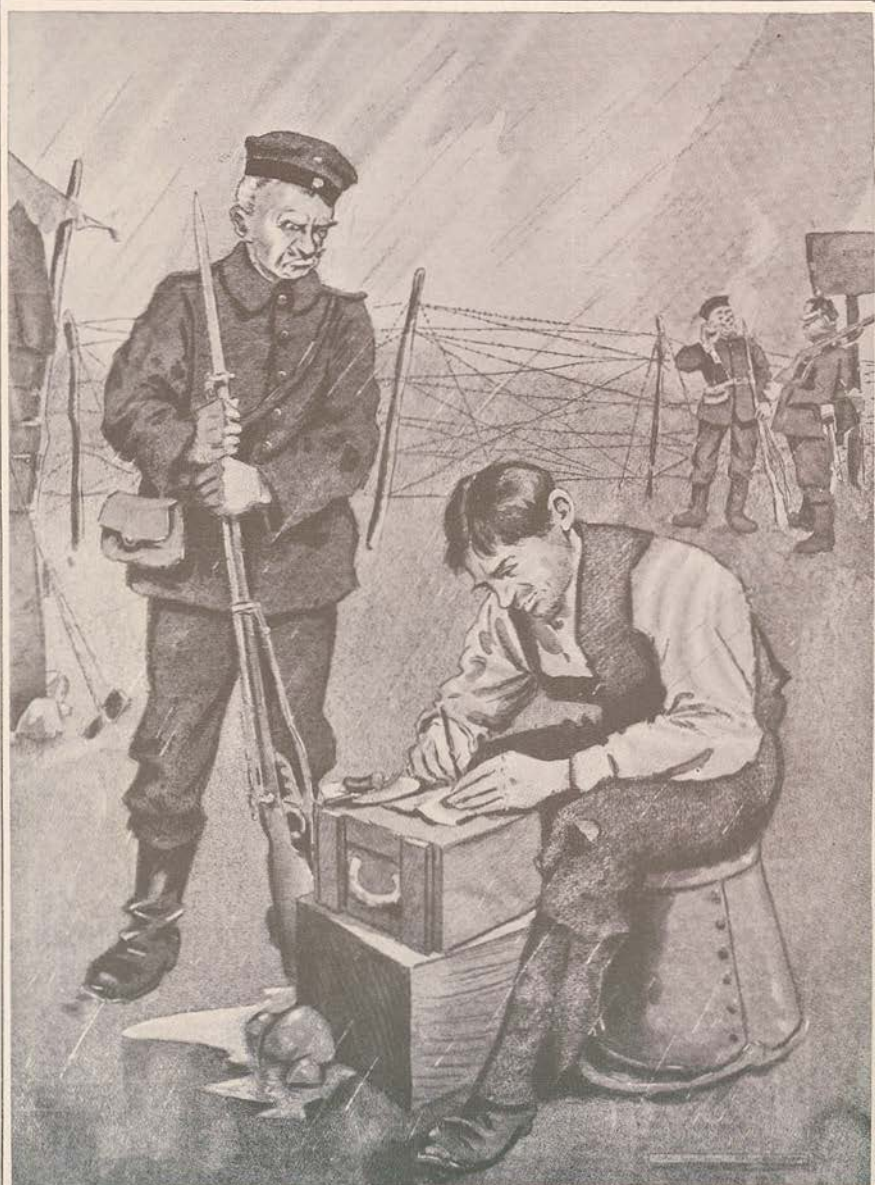


ilha Tanõe. Era tripulado por 16 homens. Pelos dois que se
vêm á esquerda calculam-se as dimensões do aparelho, que
como todos os congéneres se impõem apenas pelo tamanho,

pois que o seu valor militar é negativo. Jáiem de serem belos
alvos para a artilharia, são máquinas que estão longe da per-
feição pratica.

(Da «Illustrated London News».)

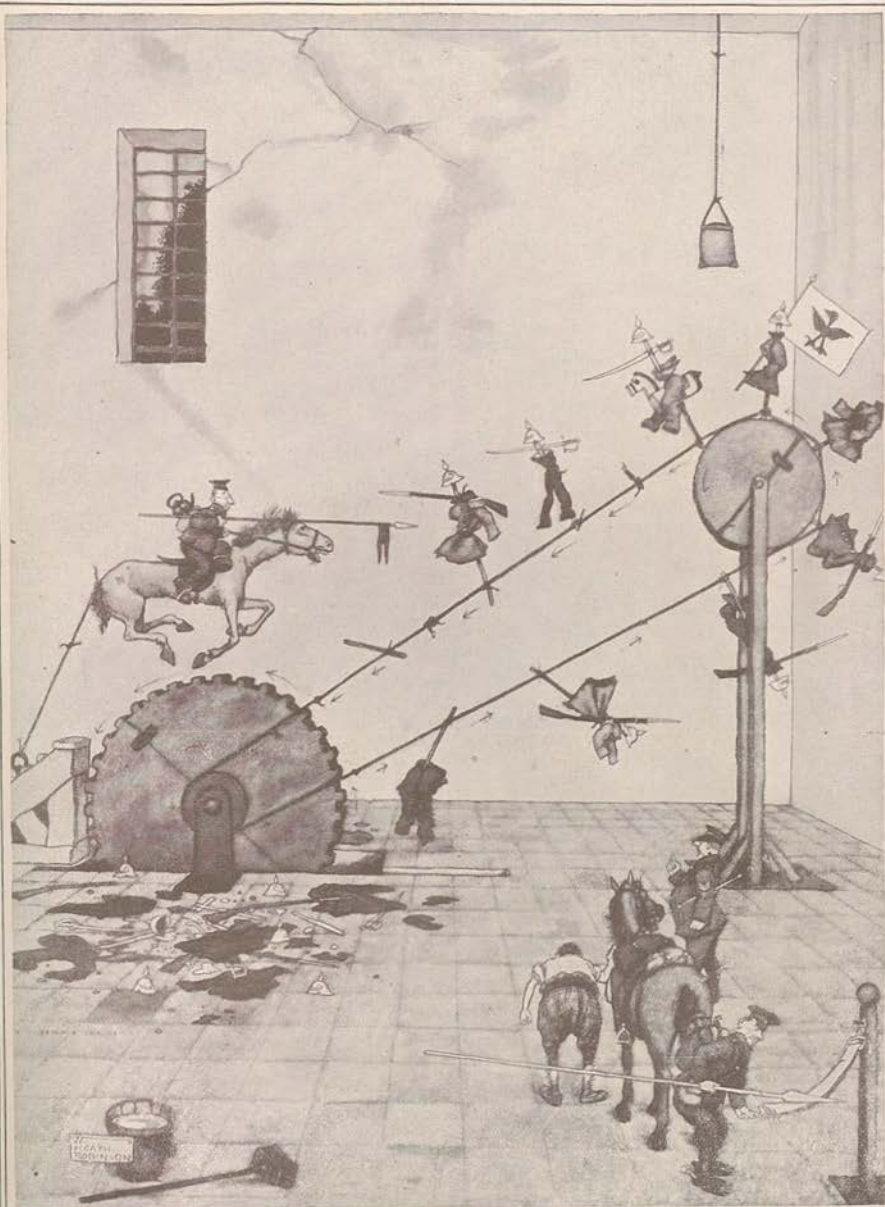
A CARICATURA NO EXTRANGEIRO



Um soldado inglês, prisioneiro dos alemães, a escrever á mulher: — Querida Maria, tudo isto por aqui é uma delícia; instalações confortáveis, heio vestuário e um quarto para cada um. O pobre Bill, que não teve a mesma opinião que eu tenho, foi fusilado.

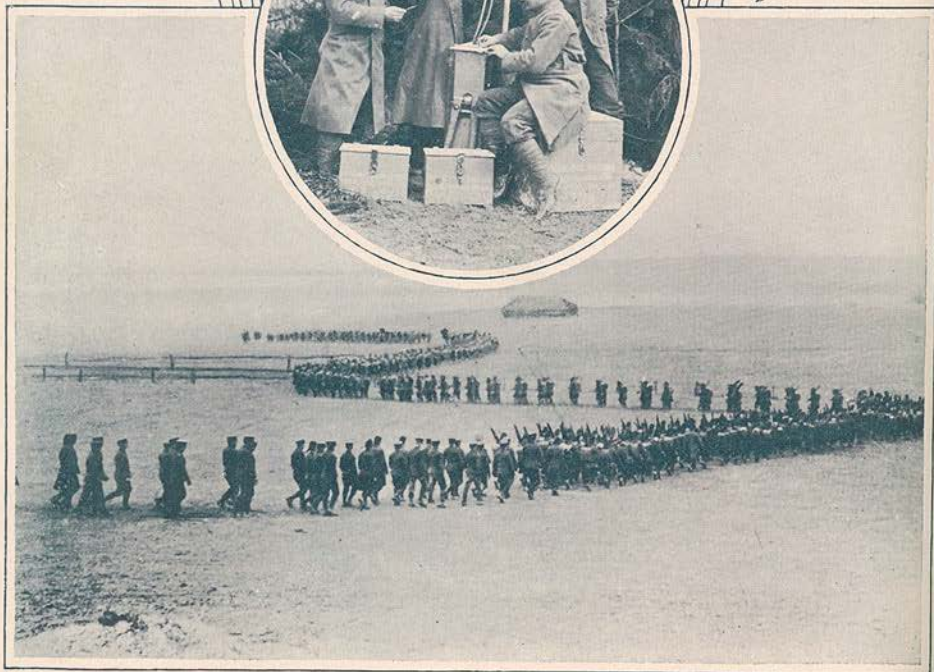
(The Sketch).

A CARICATURA NO EXTRANGEIRO



Nova patente de invenção: — Curioso engenho rotativo para ensinar lanceiros novatos a espetarem a lança com firmeza.*

(The Sketch).



1. Soldados russos condecorados pelo seu coronel.—2. Caçadores alpinos telegrafando por meio de espelhos, protegidos pelo arvoredo.— («Gliché» Branger).—3. Contingente canadiano «Princesa Patricia», atualmente em França, marchando para o campo de batalha.— («Gliché» Branger).



No Pará.—Orfeon que no dia 31 de fevereiro cantou a *Portuguezia* na recita em benefício da Cruz Vermelha Portugueza no teatro da Paz
(«Clichê do f.º grato sr. Contente»)

Na Figueira da Foz — Os srs. José Veríssimo Pereira Reynaud, Antonio Veiga e Emidio Barbosa, da Figueira da Foz, aliaram os folgedos carnavalescos a uma obra meritória, como a de angariarem donativos para os nossos soldados que em Africa combatem os alemães. E foram bem sucedidos na sua benemerita empresa, colhendo nos salões de baile e em varias casas commercias a quantia de 45\$50 escudos que enviaram ao «Seculo» para juntar á sua subscrição a favor das vitimas da guerra.



2



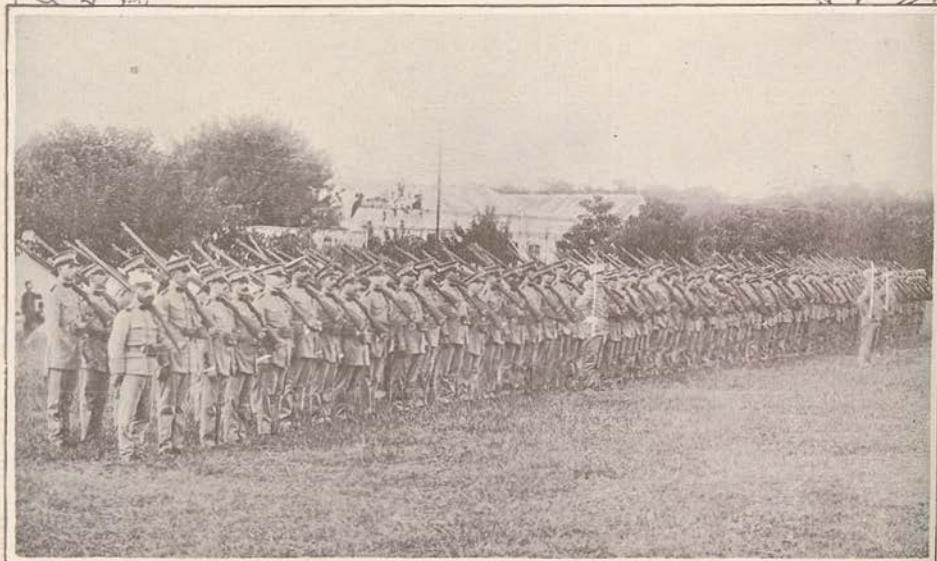
3

2. Os srs. Antonio Veiga, Emidio Barbosa e José Reynaud. («Clichê do fotografo sr. Antonio Santos, da Figueira da Foz».)
3. **No Rio de Janeiro.**—sarau em benefício da Cruz Vermelha Portugueza, no Club Ginastico Portuguez do Ilho de Janeiro. Na 1.ª fila vê-se o sr. dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal, entre dois diretores do club e a seguir os srs. dr. Ferreira de Almeida e Brandão Paes, 1.º e 2.º secretarios da embaixada

A favor dos feridos da guerra



Grupo da sociedade elegante de Macau, vendo-se entre ela as senhoras que angariaram donativos a favor dos feridos da guerra.



Formatura de voluntarios portugueses em Macau por ocasião do movimento patriótico em favor dos nossos soldados expedicionarios.—(clichés do fot. grafo sr. M. Munelga, de Hong-Kong).

Serviços médicos do exército inglês em campanha



Recolhendo os feridos d'uma trincheira britânica

Em cada trincheira, inglesa ao pé dos que combatem ha um grupo de porta-macas, pronto a prestar os seus serviços apenas se termina a luta. A rapidez, com que

se prestam os socorros aos feridos, salva muitos da morte. E' admiravel este serviço, que tambem estende os seus benefícios ao inimigo, pois que na con-

quista das trincheiras d'este, os ingleses tratam com a mesma caridade os feridos que lá encontram.

(Da Sphere).



O kaiser, o seu ministro da marinha, almirante von Tirpitz, e o almirante von Hoetzendorf, comandante da esquadra do mar alto, conferenciando em Wilhelmshaten.



Aspeto de um trecho da linha occidental, onde se emprega o periscopio, engenhoso aparelho pelo qual se pode observar o movimento do inimigo sem que este dê por isso.

O periscopio, de que tantas vantagens se estão tirando nas trincheiras ao norte da França, consta geralmente da combinação de dois espelhos, ajustados em angulo de forma que a imagem recolhida direta-

mente n'um se reflete no outro, podendo se seguir o inimigo e alvejar-o com precisão, para o que o exercito francez está munido de uma carabina especial de que se vêem varios exemplares junto de periscopio.



Guardando ainda o Suez

Apesar dos turcos terem desistido, depois de uma formidavel derrota, de atravessar o Suez com mira na conquista do Egypto, os inglezes ainda mantem nas proxi-

midades do canal um grande serviço de vigilancia feito por tropas indigenas, cujo aspeto bem como o dos camelos de que se servem constituem um conjunto pitoresco.



UMA NOTAVEL SILHOUETE FOTOGRAFICA (The Stekh Suplemente).

Entre os «clichés» curiosos, flagrantes da verdade, que todos os dias a reportagem fotografica envia dos campos de batalha, ha um que se destaca pela sua originalidade e pelas circunstancias em que devia

tersido tirado. E'o *Principe da Paz*, de 1918, sobre o selim do seu cavalo, prescrutando ao longe os movimentos das tropas. Por detraz d'ele vëem-se outras duas figuras estranhamente recortadas contra a luz viva do movimento.

Caricaturas de Amarelhe



1. *Panneau* com figuras de teatro—2. Grande *panneau* dos frequentadores habituaes do jardim P. ssos Manuel—3. *Panneau* poltico (Clichés Atvão).

Amarelhe, o talentoso caricaturista portuense, cuja intuição é tão viva como o seu lapis, fez no *hall* do jardim de Passos Manuel uma decoração carnavalesca

que bem pôde ser comparada a uma série de *fitas* qual d'elas mais cheias de *verve*. A' cidade do Porto tambem acudiu muita gente de fóra a admirar estes trabalhos.

A FESTA DA ARVORE

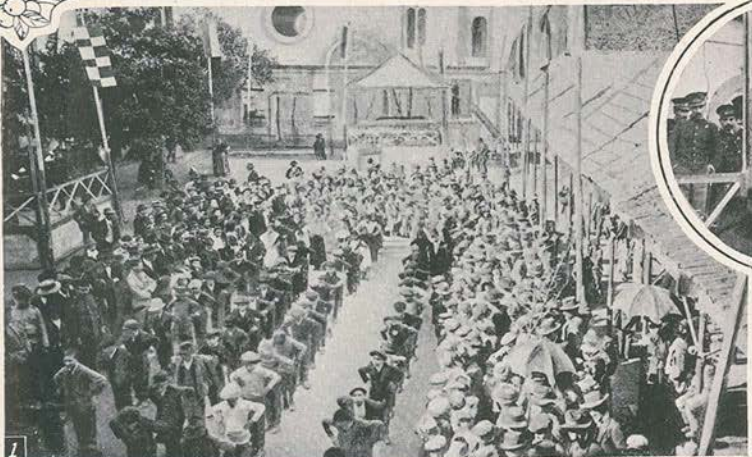


Em Peniche: — Plantação da arvore no largo do Mariano.—(Cliché do sr. José Marques Vertíssimo).

No Porto: — As creanças plantando arvores na Alameda da Fontainhas.—(Cliché do sr. M. Guaidino).



3. Em Alter do Chão:—Creanças na cerimonia da plantação da arvore. — **4. S. Martinho do Porto:**—O aspecto da assistencia Jeps da plantação da arvore.—(Cliché do sr. Henrique Vidinha).—**5. e 6. Em S. Martinho de Mouros:**—Palerno A elno Osorio, proferindo um discurso. — Grupo de creanças contempladas com vestuários depòs da plantação da arvore.—(Clichés do sr. Joaquin Osorio).—**7. Em Tondela:**—A passagem do cortejo no largo Candido dos Reis, antes de ser plantaada a arvore.—(Cliché do fotografo sr. Ferreira).



Em Guimarães:—Os alunos das escolas centrais fazendo exercicios ginsticos antes da plantação da arvore.



O professor sr. Joaquim d'Almeida Guimarães, fazendo um discurso no coreto da banda de Infantaria 21, no ato da plantação da arvore.

(Clichês do fotografo sr. José Carlos Simões d'Almeida.



Em Cesar (Oliveira de Azemeis):— 3. Bando precatorio que, por ocasião da festa da arvore, percorreu a freguezia de Cesar para angariar donativos para os soldados que se encontram em Angola.—4. As creanças das escolas officaes de Cesar e os mancheos da I. M. P. fazendo exercicios militares após a plantação da arvore.—(Clichês do fotografo sr. A. Praça).



Nas Pedras Salgadas (Sabroso):—As crianças que frequentam a escola, depois da plantação da arvore.

Em Torres Novas:— Os alunos de ambos os sexos saindo da escola para irem plantar a arvore.



Em Barreiros (Maia):—Crianças, populares e orquestra da Academia de Musica do Porto, que tomou parte n'esta festa sob a regencia do distinto professor de musica sr. Alberto da Silva. + A professora D. Rosa Alice Vieira de Castro.—(Cliché de Seraffim C. Pimenta).



Em Antanhol (Cantanhede):—A cerimonia da plantação da arvore.—Um grupo de crianças.

TEATROS



O ator Alexandre Azevedo, na peça *O Diabrete*, representada no teatro Politeama

tas d'um bloco de bronze, sombrio e perfeito.

«*A Força do Destino*»
(*Le Destin est maître*),
no teatro de S. Carlos

E' uma peça nobre, sobria e bela, como todo o teatro de Hervieu, a tragedia em dois atos *Le destin est maître*, escrita expressamente pelo grande dramaturgo francez para ser representada, em Madrid, pela atriz Maria Guerrero e ator Diaz de Mendoza. Como todo o teatro de Hervieu, *Le destin est maître*, que Melo Barreto traduziu admiravelmente com o titulo *Força do Destino*, trata a ação e o triunfo da Fatalidade na contingencia dos destinos humanos. A logica da obra de Hervieu é uma logica, mais filosofica do que teatral — mas as suas peças tem sempre a amplitude e a grandeza da musa grega: são feitos

lheres, mais ou menos vestidas, — sobretudo menos —, alguns numeros caricaturaes com graça: eis o que é o novo quadro do *Ceu Azul*. As revistas remoçam sempre com estes aperitivos novos — e o *Ceu Azul* tem d'esta vez ensejo para voltar ás quinze primaveras das suas primeiras quinze representações.

«*O Diabrete*», no *Politeama*

A companhia Adelina Abranches fechou já a serie de espetaculos que veio dar no teatro Politeama — e, a estas horas, vae a caminho do Brazil. *O Diabrete*, tradução da peça de Romain Coollus, *La Petit Peste* constituiu a ultima peça do seu repertorio e mais uma vez deu ensejo á afirmação do talento e da mocidade de Aura Abranches. Pena foi que, durante toda esta temporada do Politeama, não nos fosse dado o prazer de admirar Adelina, n'uma criação digna do seu talento e Azevedo que, só em papeis apagados, se exhibiu.

Lisboa ficou conhecendo mais uma interessante atriz, Aura — mas isso não a impediria de aplaudir e festejar tambem a creadora da *Rosa Engeitada* e o creador, entre nós, do *Duelo*, se para isso lhe tivessem dado ensejo... e arte.

A. C.

«*O amor de Marinheiro*», no teatro do Ginasio.

A sr.^a D. Branca da Silveira é uma poetisa muito distincta. A sua peça n'um ato representada no Ginasio é, pôde dizer-se, um dialogo lirico, em que vibra a delicadeza feminina da sua autora. E' uma linda aguarela, docemente colorida pela fantasia d'uma elegante senhora. Esse é o seu principal encanto e não é pequeno, não é assim, feio sexo que nós somos?

Um quadro novo do
«*Ceu Azul*», no
Teatro Avenida

Muitos ditos de espirito, algumas mu-



O ator Sacramento e a atriz Aura Abranches na peça *O Diabrete*